

1. INTRODUÇÃO

Ao encontrar-me com o texto do filme, “Minha Vida em Cor de Rosa”, algo despertou a minha atenção, enquanto assistente social, para perceber o modo como a família é capaz de se reestruturar para moldar/enquadrar seus membros dentro da expectativa do social. Também inquietou-me entender as implicações desse enquadramento quando da possibilidade de algum dos seus membros não atender a essa expectativa.

O presente texto tratará da análise sistêmica do filme “Minha vida em cor de rosa”, que aborda a história de um garotinho de sete anos, chamado Ludovic, o qual se reconhece como menina, bem como o modo pelo qual sua família vivenciará esse drama.

Este filme foi exibido no módulo “Novas configurações Familiares”, do curso de especialização supracitado, cujo plano de trabalho da disciplina possibilitou a compreensão do que venha a ser a instituição familiar em seus aspectos psicossocial, político, cultural e histórico.

Esta análise nos convoca à reflexão, a partir da Teoria Sistêmica, sobre as mudanças por que passam as famílias, suas inter-relações, suas conexões e sua circularidade, inseridas em um sistema tradicional e conservador de família, ainda cultuada como uma instituição perfeita, em que atitudes e comportamentos distintos do estabelecido pela sociedade são considerados danosos à sua reputação, provocando aflições e constrangimentos a todo o grupo.

Mas, pude também perceber outro aspecto fundamental da dinâmica familiar que me interessa enquanto assistente social. Trata-se de enxergar os recursos da própria família, as suas possibilidades de resistência e força interior para trilhar outro caminho, ou seja, buscar alternativas distintas às estabelecidas pela sociedade.

Acredito que esta análise pode contribuir para reflexões e questionamentos junto à categoria dos Assistentes Sociais ou profissionais de outras áreas que trabalham diretamente com famílias, dado o fato de poder ampliar as discussões sobre os conflitos estabelecidos dentro da família, no seu desespero em atender aos padrões de comportamento ditado pelas regras do social, ou seja, qual a implicação nos indivíduos familiares no enquadramento a esta reprodução.

Ressalto a compreensão que vivemos numa sociedade onde a questão da identidade sexual é permeada por fortes preconceitos, onde a violência física ou simbólica frente às minorias, às diferenças, ainda está estampada nas relações do nosso cotidiano, denunciando a sociedade excludente que construímos. Uma sociedade que não consegue afirmar os

indivíduos na sua existência, não consegue também acolher as diferenças. Watzlawick (1986, p.84), apoia-se em Martin Buber para afirmar que:

Uma sociedade humana, as pessoas, nos seus diferentes níveis e formas, confirmam uns aos outros de forma objetiva nas suas qualidades e possibilidades próprias; e que uma sociedade só pode ser dita humana, na medida em que os seus membros se confirmem mutuamente.

Nossa análise partirá da descrição das cenas consideradas mais relevantes para a compreensão dos conceitos sistêmicos. Assim, iremos descrevendo as cenas aplicando os conceitos para entender seus significados, do ponto de vista da teoria. Por fim, serão expostas as considerações finais, onde procuraremos evidenciar as potencialidades dos membros da família frente à resolução das suas dificuldades.

2. APRESENTAÇÃO DAS CENAS CONSIDERADAS MAIS IMPORTANTES PARA A DISCUSSÃO.

O filme *Ma vie en rose* traduzido para o português como “Minha vida em cor de rosa”, do diretor Alain Berliner, datado de 1997, se passa em um bairro de classe média francesa e aborda o drama da família Fabre, que tem um garoto de sete anos chamado Ludovic Fabre, o qual se reconhece como menina, chegando a construir para si, na sua fantasia, um lugar só seu; um mundo permeado por sensações e sentimentos próprios; um mundo cor de rosa.

O filme inicia com uma festa de boas vindas oferecida pela família de Ludovic aos vizinhos do bairro, para o qual se mudaram recentemente. A primeira inquietação ocorre em virtude de Ludovic apresentar-se na festa vestido e maquiado como uma menina, causando constrangimento aos seus pais, bem como, aos vizinhos.

Percebe-se que as famílias ficaram atônitas diante do fato, pois, de acordo com Coelho (2006, p. 152), “esta instituição implica a consideração de regras de funcionamento, perpassada por ideias, valores, preconceitos, por uma ideologia”. E, embora tentassem disfarçar, deixaram transparecer a sua surpresa, pois, como tão bem nos afirma Watzlawick (1986) é impossível não se comunicar.

Assim, estavam todos embaraçados, buscando palavras para consertar o que a expressão dos seus rostos, numa linguagem não verbal, denunciava.

O homem para se tornar como tal recebe influências de ordem social, do mundo cultural, até mesmo do universo simbólico, que são historicamente construídos. Dessa forma introjeta-se a dimensão da complexidade da Teoria Sistêmica ao observar o contexto social no qual essas famílias estão inseridas. O filme revela que os valores estabelecidos naquele cenário são consoantes com padrões morais e éticos de uma sociedade conservadora, heteronormativa, onde a moral é solidificada e a inserção do novo, das diferenças encontra resistência acentuada.

Ludovic incluso no contexto de moralidade e conservadorismo daquele grupo desestabiliza a imagem da perfeição familiar, da normalidade dos padrões de comportamento cultuado por todos eles, ao apresentar-se como um menino com desejo de ser menina, ou seja, quebrando regras determinadas por aquele segmento social. Portanto, introduz a instabilidade ao seu sistema familiar.

O aparecimento de comportamentos diferentes dos padrões esperados leva a questionamentos sobre a família como instituição. Pois, segundo Coelho (2006) a família

com instituição implica a consideração de regras de funcionamento entre os elementos constitutivos da interação, perpassada por ideias, valores, preconceitos, por uma ideologia.

Dessa maneira a família de Ludovic fica assim sujeita à pressão interna, que provém das mudanças ocasionadas pelo modo como Ludovic age, das questões que ele traz sobre as relações humanas, sobre a sexualidade de um modo geral e sobre a sua própria identidade. Enfim, ele se pergunta sobre as diferenças, os diferentes e pede explicações sobre a vida, o tempo inteiro, como qualquer criança da sua idade. Isto é, “A construção da identidade, dá-se na descoberta do mundo dos objetos e de si, comparando-se e diferenciando-se, mantendo-se uno em sua totalidade e desenvolvendo a noção de pertencer a um grupo”. (GRINBERG, 1980, *apud*, COELHO, 2006, p. 166).

A família do garoto sofre também uma pressão exterior, proveniente das exigências para se acomodar ao *status quo* da sociedade vigente. Responder a estas exigências, tanto de dentro, como de fora, requer uma transformação constante da posição dos membros da família, em relação um ao outro, de maneira que possam crescer enquanto sistema familiar. Segundo Andolfi (ano, p), “a família deve manter a sua continuidade enquanto grupo e permitir que os seus membros se diferenciem, assegurando com isso, o processo de crescimento individual dos seus membros”. Essa luta entre pertencer e se diferenciar, manter o grupo enquanto grupo e respeitar o desenvolvimento psicossocial de Ludovic vai estar em evidência durante todo esse processo.

De acordo com Strey, Cabeda, Prehn (2004) ser homem/ser mulher é uma construção simbólica que faz parte do regime de emergência dos discursos que configuram os sujeitos e a constituição dessa identidade, traz pelo menos três noções implícitas: a ideia de igualdade; a ideia de singularidade; e, a ideia de que o sujeito singular, portador de uma história pessoal constituída através de suas relações com outros sujeitos e inscrita no movimento da história, pode se reconhecer na sua individualidade. Ou seja, são as sociedades, as civilizações que conferem sentido a essa diferenciação.

Este processo até certo ponto limita o desenvolvimento das potencialidades individuais, na medida em que prescreve - a partir do nascimento da criança, quando da escolha da cor do enxoval – uma série de comportamentos e reações emocionais considerados “apropriados”.

Ludovic é um indivíduo que não se enquadra e não se conforma com as normas sociais previstas e por isso é considerado como desviante e tido como desajustado psicológico e/ou social.

O pai de Ludovic, diante da cena em que este aparece vestido de menina, já preocupado com o que os outros pensarão sobre seu filho, afirma que Ludovic é “ótimo em disfarces”, mesmo sabendo que isso já acontecera outras vezes, forçando-o a trocar de roupa e retirar a maquiagem. A família não sabe, pois, como proceder diante do comportamento afeminado do menino e têm atitudes alternadas entre reprovação e estagnação, confirmando o que Bertalanffy (1975) expõe, onde “as partes unidas desse sistema estão em relação circular, num circuito de retroalimentação: cada pessoa afeta e é afetada pelo comportamento de outra pessoa e do contexto em que está inserido”.

O sistema familiar de Ludovic, como todas as famílias, tem suas histórias, suas regras, seus padrões comunicacionais, enfim, têm valores e crenças que foram passadas de geração em geração e essa herança é fundamental e também será norteadora das respostas que a família de Ludovic dará frente às questões e dificuldades que surgirão no decorrer da sua história. Pois, conforme Schuntzenberger (1997, p. 51) “Se se cura um indivíduo, sem tocar na totalidade da família, se não se entenderem as repetições transgeracionais, não se faz grande coisa”.

O fato é que por mais que os pais, particularmente a mãe, tentasse compreender o filho, apoiando-lhe, respeitando-lhes as decisões, dando-lhe um voto de confiança, a intolerância ao comportamento dele foi motivada mais fortemente pela pressão social exercida pelas famílias vizinhas em não aceitarem um comportamento que rompesse as fronteiras rígidas fixadas na e pela sociedade, comprovando o enrijecimento e a inflexibilidade dessas famílias, que tanto se afetaram em ter próximo um exemplo de transgressão e anormalidade em relação aos valores determinados naquele contexto social, pois, a pressão social é sempre conservadora, tentando moldar os indivíduos às normas existentes.

A Sr^a Fabre sentia-se coagida pelos padrões pré-estabelecidos, querendo com isso, evitar constrangimentos para Ludovic e toda sua família, numa tentativa de proteção. Podemos dizer que essa família por mais que tentasse reagir acabava cedendo à pressão do grupo social. Neste sentido, a mãe do garoto vai ao extremo do seu desespero e numa atitude impensada, também ultrapassa as barreiras das regras sociais, expondo o moralismo daquele contexto, quando decidir abruptamente beijar a boca do patrão do seu marido que, apesar de abismado, não consegue esconder seu contentamento. A mulher parece querer provar que ele, assim como Ludovic, também tem desejos condenados pelo conservadorismo da sociedade em que vivem, não os realizando com medo da reação do meio social, por isso reprimi-los.

Ante toda a pressão sofrida, Ludovic refugia-se criando mentalmente um mundo particular, como um meio de defesa para lidar com tais proibições, no qual tem como

companhia a fada Pam. Mundo em que vive sua individualidade com liberdade, satisfazendo mentalmente suas vontades.

A situação de constrangimento no ambiente da nova morada se agrava e é retratada pela cena na qual Ludovic envolve-se com o filho do chefe de seu pai, por quem “se apaixona pretendendo casar-se”, acreditando que em algum momento de sua vida, irá se transformar em menina, acertando assim a divergência que existe entre seu pensamento e seu corpo.

O chefe do pai de Ludovic teve dois filhos: uma menina, que faleceu enquanto criança sendo detalhado pelo filme apenas que seus pais mantinham o quarto da garota intacto, preservando-o como se algum dia ela fosse retonar, e um menino chamado Jérôme, que se tornou o grande amigo de Ludovic.

Na cena seguinte, a mãe de Jérôme desmaia ao ver Ludovic usando um vestido da filha já falecida, simulando o casamento com seu filho Jérôme.

Podemos suscitar a hipótese que o comportamento de Ludovic ganhou relevo na vida dessas famílias, por despertar também dificuldades, adoecimentos e problemáticas, adormecidas na dinâmica familiar desses indivíduos, exemplificado no caso da família de Jérôme, pelo luto mal elaborado com a perda da filha.

Vê-se todo um jogo forçado de construção de masculinidades sobre Ludovic, a fim de calar a possível expressão de feminilidade com as quais o menino se sente muito mais confortável. O sofrimento do garoto é uma constante ao longo do filme, traduzindo-se em violação e encarceramento das suas vontades, dos seus gostos e desejos. Podendo ocasionar disfunção no desenvolvimento social do garoto, pois, aquilo que é imposto gera, quase sempre, uma exploração psicológica.

Quando a situação passa a ser entendida por seus pais como algo verdadeiramente preocupante, o menino é encaminhado a uma psicóloga, como alternativa última e inquestionável para a mudança de comportamento do garoto. Porém, como era de se esperar, a resolução do conflito não poderia advir exclusivamente das sessões terapêuticas. Pois, há que se considerar, portanto, a constituição da identidade de gênero como um percurso constituinte e constituído na trajetória do sujeito interativo, a partir das inúmeras relações que este sujeito traça com os outros significativos que partilham mediata ou imediatamente sua experiência.

Em autoanálise, a família continua a procurar o “erro” da sua criação, sugerindo-se a ausência do pai – o que remete à noção psicanalítica de que a falta de um referencial masculino pode levar à homossexualidade dos filhos meninos. Como também a expectativa/desejo inconsciente dos pais em preferir o sexo do bebê no momento da gestação, influenciando na orientação sexual futura.

A solução proposta pela própria família foi que Ludovic passasse a andar mais com seu pai, realizando atividades masculinas e brincando com meninos, como se essas imposições fossem penetrar a consciência do garoto definindo a sua identidade sexual, enquadrando-o, definitivamente no “metro padrão” social.

Mas, Ludovic não desistiu e mostrou um lado forte da sua individualidade, da sua capacidade de diferenciação do grupo familiar, da propensão à resiliência, por encarar o problema, superar obstáculos e resistir à pressão, afirmando sua identidade, ainda que de forma tímida e imatura, por possuir apenas sete anos de idade.

O drama apresentado no filme intensifica-se quando, no teatro do colégio, Ludovic tenta passar-se por Branca de Neve e quase ganha um beijo do colega pelo qual, desde o início da narrativa, demonstra uma forte afeição e com quem sonha casar-se. Ao ser retirado o véu que escondia seu rosto, todos veem que a branca de neve era, na realidade, Ludovic.

Os pais dos demais alunos, indignados, passam a fazer frequentes reclamações à direção do colégio, pois não querem seus filhos convivendo com o mau exemplo que representa o garoto afeminado.

Essa cena do filme permite pontuar o quanto as famílias envolvidas na trama encontravam-se incomodadas pelo comportamento do menino, chegando a unirem-se, formando uma espécie de pacto para combater esse “mal” que assolava suas vidas. Disso resultou a elaboração de um documento assinado por todos os pais, no qual se exigiu a expulsão do garoto da escola, demonstrando de forma clara a negação do outro, da diferença e bem como a ridificação dos padrões e regras daquela sociedade. Afirmando que o que não é convencional é expulso das possibilidades de reflexão, compreensão ou simplesmente, privado de respeito.

Uma cena marcadamente triste ocorre quando Ludovic ao perceber o grande estresse vivenciado pela família, em decorrência de seu comportamento, tranca-se dentro de um freezer, em posição de morto, com um crucifixo em seu peito, demonstrando claramente o seu sofrimento naquele momento, despertando um sentimento de quebra com o seu grupo familiar. O menino rende-se ao que parece ser o melhor para todos, desistir da vida cor de rosa, ou de sua vida na totalidade. Mostra, com clareza, o quão coagido estava para alterar seu comportamento e entregar-se à pressão familiar e social, demonstrando ainda a desproteção, a falta de apoio e o desequilíbrio do sistema.

A cena mais marcante talvez seja quando, contra vontade, os pais cortam bem curto, o cabelo de Ludovic, cortando simbolicamente, também, seus sonhos e personalidade numa tentativa de desconfirmá-lo. Revelando-se como forma punitiva ao seu comportamento e

como alternativa para o enquadramento ao meio social, mostrando aos vizinhos que Ludovic teria “conserto” e que sua família não se acomodaria com as circunstâncias modificadas por ele.

Na sequência o Sr. Fabre é demitido pelo seu chefe como alternativa para erradicar o mal representado por Ludovic para sua família e, mais precisamente, para o seu filho. A família do garoto começa a passar por muitas dificuldades financeiras e o embaraço promovido pela vizinhança, fundamentados nos ideais de uma sociedade patriarcal, conservadora e preconceituosa é tão devastador que a família de Ludovic não tem mais condições de permanecer naquele bairro.

Ao longo do filme, destaca-se o papel desempenhado pela avó, que foi fundamental no acolhimento das indagações de Ludovic, e também na ajuda à família, apontando saídas para aliviar as tensões insuportáveis a que chegaram. Ela foi a única pessoa a entender a situação de outra maneira, possibilitando, inclusive, a realização de diálogo na família, permitindo a expressão mais autêntica do pensamento do garoto.

A proposta de Ludovic ir morar com ela revela essa aceitação do outro, o acolhimento das diferenças, tão necessário à convivência humana, mas também, parece ser um recado para todos da família: um momento de pausa, onde cada um precisa pensar e se reposicionar.

O dar e receber estabelecido por Ludovic e sua avó propõe um estado de equilíbrio, de solidariedade e compromisso nessa relação interpessoal, cultivando a manutenção do vínculo junto à sua família de origem, fator gerador de seu pertencimento.

O pertencimento se caracteriza pelo vínculo, pelas raízes que determinam o fruto da árvore na existência dentro de um grupo, na caracterização de uma identidade, seja ela qual for o grupo conta com esta lealdade individual para que pertença a ele. A formação de um grupo, de um clã é a essência primária da existência de um “outro” grupo. E a existência do “outro” grupo me concede o pertencimento a este (meu) grupo e, este pertencimento a este meu grupo determina a complexidade de regras e emaranhamentos que me encontro para me vincular e pertencer. (GONÇALVES, 2009, p.02)

Finalmente, o pai de Ludovic consegue um emprego em outro bairro e toda a família precisa mudar de endereço.

Ao chegar ao novo bairro, a família Fabre encontra na vizinhança uma situação semelhante à deles, na qual uma garotinha veste-se e comporta-se como um menino, sendo tratada de forma respeitosa e com naturalidade por sua família. Ou seja, demonstrando que seus padrões organizacionais permitiram adaptar-se à diferença de forma mais flexível.

Um relacionamento moderadamente flexível tem liderança mais igualitária, com uma abordagem democrática da tomada de decisão. As negociações são abertas e incluem as crianças. Os papéis podem ser compartilhados e a mudança é fluida, quando necessário. As regras são apropriadas à idade e podem ser modificadas com o passar dos tempos. (Walsh, 2005, p. 80)

Na cultura ocidental atualmente, as proibições quanto à manifestação de comportamentos típicos do sexo oposto são, via de regra, mais severas para meninos do que para meninas. Por exemplo, há maior liberdade para meninas vestirem-se com roupas de meninos e até jogar bola e subir em árvore, do que para meninos vestir roupa de menina ou brincar de boneca. Além da vedação da expressão das reações emotivas, inibida até pouco tempo.

A análise do filme nos remete o tempo inteiro às três dimensões do paradigma sistêmico, sendo elas de acordo com Esteves (202): a complexidade, com foco nas relações entre elementos do sistema; a instabilidade, focalizando as crises e a auto-organização do sistema; e, a subjetividade, onde o sistema familiar não tem existência independente do observador.

O filme oferece fortes questionamentos sobre as relações humanas, mas também nos mostra uma luz, despertando um sentimento de esperança para todos nós, mostrando que somos múltiplos, diversos e que não adianta reprimir ou tentar consertar a individualidade de uma pessoa. Se existe algum problema, este se encontra na própria sociedade, e cabe a ela resolvê-lo, tendo em vista à aceitação da diferença e da diversidade.

Observa-se ainda que a adequação às circunstâncias expostas mostra-nos que a superação da família a um evento considerado difícil, traumático, depende tanto das regras, padrões, das transmissões geracionais, como da resiliência familiar, quer requer a capacidade de equilibrar estabilidade e mudança quando os membros da família enfrentam crises e desafios.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“*Ma vie en rose*” (Minha vida em cor de rosa) nos leva a refletir sobre as dificuldades vivenciadas pelas famílias, em particular a família de Ludovic, em aceitar o ser humano nas suas diferenças e singularidades. A dificuldade em se considerar as diferenças entre homens e mulheres como resultado de costumes e de valores construídos social e culturalmente, relativizando-se, portanto, a biologia, para aceitar que tudo passa pelo social, sendo adquiridas através do processo de socialização. É no social que inventamos o que é certo ou errado e é dentro dele que devemos travar um debate para mudar regras e concepções indevidas que formatam a sociedade amarrando-a estaticamente.

Muito embora a família seja a matriz do desenvolvimento psicossocial de seus membros, encarregada de reproduzir e manter a organização social e os valores de uma sociedade, também deve se acomodar a esta sociedade e assegurar alguma continuidade para a sua cultura, pois, de acordo com a teoria sistêmica, a visão de mundo é holística, onde o universo é uma rede de interrelações, sendo o homem o principal agente desta rede em constante mudança.

Os familiares, os símbolos (livros, marcas, propagandas e etc.) e as instituições (escola, igreja e etc.) reforçam e complementam a influência dos pais para socializar adequadamente as meninas e os meninos, ou seja, fazê-los assimilar adequadamente as regras sociais relativas ao comportamento apropriado de cada sexo. Nessa perspectiva é possível apreender esses fenômenos, partindo do pressuposto que nada é totalmente certo ou totalmente errado, permitindo pensar integrando, e ao invés de reduzir, incluir as diferenças.

Do ponto de vista da cultura é importante trabalhar a flexibilidade e a abertura ao novo e as diferenças, para que a rigidificação não exclua nem adoeça as pessoas, tirando-lhes a possibilidade da vivência de suas singularidades, de serem afirmadas no seu eu, negando-lhes o direito à vida.

Uma vez que se entende a família como um sistema em interação, em que cada um dos seus membros tem responsabilidades e funções a desempenhar, criando assim um jogo de interdependência e interrelação é importante, enquanto profissional, ajudá-las a ultrapassar esse sofrimento, buscando as suas causas e o entendimento do que se passa. Isto é, de onde vem a raiva, o rancor, o ressentimento e a dificuldade em aceitar e conviver igualmente com as diferenças. Desvendar a transmissão dos valores das gerações passadas, crenças que impedem a diferenciação dos membros da família e os leva ao adoecimento ou, até mesmo, à morte.

Trabalhar, portanto, na perspectiva de superação da adversidade, permitindo a abertura ao indivíduo e uma consciência clara de que aquilo que é sadio e certo para ele não precisa ser o necessariamente normal, o mais frequente, a regra do grupo.

4. REFERÊNCIAS

ANDOLFI, M. **Family Therapy**: On interactional approach. Klewer Academic Pub, 1979.

AUN, J. G.; VASCONCELLOS, M. J. E; COELHO, S. V. **Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais**: Fundamentos teóricos e epistemológicos. 2ª Ed. Belo Horizonte: Ophicina de arte e Prosa, 2006.

BERTALANFFY, L. V. **Teoria Geral dos Sistemas**. Ed. Vozes, 1975.

CABEDA, S. T. L., PREHN, D. R., Strey, M. N. **Gênero e Cultura**: Questões contemporâneas. Porto Alegre EDIPUCRS, 2004.

CRUZ, C. H. S. **Grupos**: Teoria e técnicas de intervenção. PB: Ideia, 2011.

GONÇALVES, M. H. da G. L. **Lealdades invisíveis nos vínculos de pertencimento**: Constelações familiares no trabalho individual com bonecos. In: V Encontro Paranaense de Terapia Familiar. Paraná, 2009.

GRACIANO, M. **Aquisição de papéis sexuais da infância**. Cadernos de Pesquisa 25. Fundação Carlos chagas.

HELLINGER, BERT. **A simetria oculta do amor**. São Paulo: Cultrix, 2003.

MA VIE EN ROSE. Direção: Alain Berliner. Produção: Carole Scotta. França: REUX Produção Associada, 1997. 1 DVD (115 MIN.), son.,color. Legendado. Port.

SCHÜTZEMBERGER, A. A. **Meus Antepassados**: Vínculos transgeracionais, segredos de família, síndrome de aniversário e prática do genossociograma. São Paulo, Paulus, 1997.

TALBURT, Susan. **Introducción: contradicciones y posibilidades Del pensamieto queer**. In: _____; STEINBERG, Shirley. (Eds.). Pensando queer: sexualidad, cultura y educación. Barcelona: Graó, 2005.

VASCONCELOS, M. J. E. **Pensamento Sistêmico**: O Novo Paradigma da Ciência. Campinas SP: Papyrus 2002. 7ª edição 2008.

WALSH, F. **Fortalecendo a resiliência familiar**. São Paulo: Roca, 2005.

WATZLAVICK, P. BEAVIN, J. JACKSON, D. **Pragmática da Comunicação Humana**. São Paulo: Cultrix, 1986.

ZIMERMAN, D. E. **O homem frente às transformações do mundo na transição do milênio.** In: Fundamentos básicos das grupoterapias. Porto Alegre: Artmed, 2000.